

## Capítulo VIII - O CLIMA DE FESTA

Sem uma referência marcante para decidir racionalmente em qual Bateau embarcar, eu comentei com Ana que achava que eram maiores as chances de obtermos uma mesa bem localizada no Bateau Mouche IV. Ana parecia mais interessada em iniciar a nossa participação na festa, e possivelmente por esta razão, não demonstrou interesse em compartilhar comigo a solução do dilema. Como havia uma certa urgência em definirmos aquele impasse, disse para Ana que considerava a melhor alternativa retornarmos para o Bateau Mouche IV. Desta forma, estava feita a escolha!

Saímos do Bateau III e aceleramos o passo pelo píer procurando chegar logo ao barco escolhido, antes de outros participantes que, depois de passarem pela recepção, tiravam fotos ao ar livre, ignorando que os barcos estavam com suas respectivas lotações quase atingidas. Ingressamos no Bateau IV sem que houvesse fila à espera de mesa. O maitre não estava no deck de entrada para recepcionar os passageiros que chegavam. Uma rápida avaliação permitiu concluir que não havia mesas disponíveis naquele deck, pois o espaço livre entre a ampla porta de entrada da cabine, onde a ceia seria servida, e a popa do barco era bem reduzido.

Nesta rápida checagem de lugares disponíveis não passou despercebida uma mesa redonda à qual estava sentada a consagrada atriz Yara Amaral, acompanhada de meia dúzia de pessoas com comportamento de família, pois as brincadeiras do grupo demonstravam mais intimidade. Uma senhora sentada ao seu lado parecia ser a mãe da atriz. Eu estranhei a escolha daquela mesa pela família, pois estava muito perto da amurada da proa, e a fumaça expelida pelo motor, ainda em baixa rotação, estava sendo direcionada pela brisa marinha justamente para a mesa da atriz. Para tentar encontrar uma mesa disponível não havia outra alternativa: procurar no deck superior.

O acesso entre os dois decks era feito por uma estreitíssima escada do tipo caracol, localizada muito próxima à mesa da Yara Amaral, na popa da embarcação. Com muita cautela, para evitar acidentes que, pensei, estragariam a noite, utilizamos a escada para acessar o deck de cima.

## Capítulo VIII - O CLIMA DE FESTA

Ao chegar no andar superior, o visual era sensacional, com o branco predominando nas mesas e nas roupas das pessoas que já haviam se acomodado nas suas cadeiras ou conversavam animadamente de pé.

As mesas estavam organizadas em duas filas paralelas, que permitiam a formação de um corredor central muito estreito, por onde só passava uma pessoa de cada vez. Assim, embora cada mesa pudesse acomodar 4 pessoas em configurações criadas a partir de mais espaço disponível, na realidade somente 2 lugares podiam ser utilizados, justamente entre a mesa e a amurada, de cada lado do barco.

As filas das mesas estavam interrompidas nas proximidades da proa, de maneira a dar espaço suficiente para os músicos e seus instrumentos, bem como permitir que os passageiros dançassem, caso assim o desejassem.

Sem dar um passo à frente, pude observar que todas as mesas pareciam ocupadas, com exceção da primeira à direita. Considerei, então, que a melhor opção era garantir aquela e depois, se fosse o caso, avaliar com calma se havia outra mesa disponível e melhor localizada.

Logo que sentamos, constatamos que mais passageiros subiram e, cruzando lentamente o corredor, se encaminharam para a proa, com o indiscutível intuito de buscar lugares para se acomodarem.

Diante desse movimento intenso de procura, achamos melhor ficar naquela mesa mesmo, a primeira da fileira a estibordo.

A posição da nossa mesa apresentava um aspecto positivo, porque uma estrutura arredondada e relativamente baixa, fixada ao chão, na sua lateral que apontava para a proa, impedia que outra mesa estivesse muito próxima da nossa, pois logo em seguida ao estranho artefato, erguia-se a estrutura metálica lateral que sustentava a cobertura fixa existente no deck, com o objetivo de proteger algumas mesas de fenômenos climáticos adversos como chuva leve e sol forte.

Outra vantagem relevante da localização da mesa era a sua providencial distância em relação às potentes caixas de som. Desta forma, a conversa entre nós podia fluir sem a necessidade de elevarmos muito o tom da voz. E a música chegava aos nossos ouvidos como se fosse som ambiente, bem tranquilo.

## Capítulo VIII - O CLIMA DE FESTA

Nossos primeiros comentários foram para enfatizar os requintes da decoração do deck. As toalhas das mesas eram de um branco impecável. A cobertura entre a proa e a popa também era na cor branca, com alguns enfeites que não comprometiam a sobriedade do ambiente.

O maitre e os garçons estavam vestidos impecavelmente, de maneira coerente com uma noite de gala. Passados alguns minutos, o maitre veio até a nossa mesa, apresentou-se gentilmente e forneceu algumas orientações sobre o serviço que seria oferecido durante o passeio. Entre outros detalhes, confirmou que a ceia estaria posta depois da queima de fogos, quando o barco voltasse às águas mais tranquilas da Baía da Guanabara. Mas que antes de iniciar o serviço de buffet, o barco retornaria ao píer do Sol e Mar para que os passageiros que desejassem interromper o passeio, desembarcassem. Esse era o nosso caso, pois rumaríamos para a festa na casa de amigos na Barra da Tijuca.

Avisou também que o Bateau Mouche zarparia antes das 23 horas com destino à Praia de Copacabana, podendo ocorrer um leve atraso, em função de algum passageiro ainda não embarcado. De qualquer forma, frisou ele, estava garantida a chegada a Copacabana bem antes do início da queima de fogos, a tempo de escolher um local para lançar âncoras, propiciando uma visão privilegiada do espetáculo.

Antes de se retirar, sugeri que déssemos uma volta no barco, recomendando que visitássemos a cabine no deck inferior, onde já estava parcialmente posta a ceia que seria servida mais tarde.

Agradecemos a gentileza do maitre, fazendo questão de elogiar a elegância de seu traje e dos garçons. Ele sorriu e reiterou que estaria à nossa disposição durante toda a noite para o que fosse necessário.

Conversei com Ana a respeito da conveniência de acolhermos a sugestão do maitre para conhecermos as outras partes do barco. Havia o receio de perdermos a mesa, pois algumas pessoas de pé pareciam não ter encontrado lugares vagos. Além disso, existia o risco de o barco zarpar e poderíamos estar, nesse momento, em um lugar onde a segurança não fosse compatível com o início dos movimentos do Bateau.

## Capítulo VIII - O CLIMA DE FESTA

Ana sugeriu que deixássemos os nossos colares havaianos sobre a mesa, indicando que ela estava ocupada. Achei a sugestão pertinente e em seguida olhei para trás e para baixo em direção ao pór e constatei que ainda havia movimento de pessoas entrando e saindo do barco, como se estivessem levando os últimos suprimentos para o passeio.

Decidimos, então, descer para fazer um reconhecimento das demais áreas do Bateau Mouche IV.

arta-feira, 11 de janeiro de 1989

O GLOBO

2ª CÍCLHE

# Leônidas garante punição de culp

O Ministro do Exército, Leônidas Pires, disse ontem, na cerimônia de posse do Secretário de Ciência e Tecnologia do Exército, General Hélio Chieco, no Palácio Duque de Caxias, no centro do Rio, que a Marinha de Guerra prosseguirá com o inquérito que apura as causas do afundamento do barco "Bateau Mouche" até chegar aos culpados. Garante que nada ficará escondido da opinião pública:

— Como qualquer brasileiro, desejo esclarecidas as causas desse naufrágio que causou a morte de dezenas de pessoas no réveillon. Segundo o Ministro, os dois inquéritos que investigam as causas do afundamento, o da Marinha de Guerra e da Polícia Civil do Estado do Rio de Janeiro, apontarão os verdadeiros responsáveis pela tragédia e não haverá impunidade nesse caso.



Ministro do Exército, Leônidas Pires, assegura que nada ficará escondido

## Mestre-arrais reclamava de defe

Motors que paravam frequentemente durante os passeios, precário estado de conservação dos cascos, acúmulo de água por defeito nas bombas e pessoas inabilitadas comandando as embarcações eram alguns dos problemas que o mestre-arrais Camilo Faro da Costa, que comandava o "Bateau Mouche IV" na noite do réveillon, costumava relatar para sua mulher, Mariana Sá Mineis da Costa, ao falar sobre o estado das duas embarcações utilizadas nos passeios da Bateau Mouche Rio Turismo. A revelação foi feita ontem por Mariana ao prestar depoimento ao Delegado Jazimar de Oliveira Tostes, no Departamento de Polícia da Capital. A viúva do mestre-arrais admitiu que Camilo, que também era mecânico, pudesse ter

feito algum reparo no motor do barco antes de deixar o calçadão do Restaurante Sol e Mar, na noite do réveillon. E que o cadáver de Camilo, ao ser encontrado, tinha as unhas impregnadas de graxa e ele era um homem bastante assado, segundo ela.

Mariana da Costa contou também que o "Bateau Mouche IV" esteve para ser vendido pelos donos do restaurante Sol e Mar. A decisão de vender a embarcação foi tomada após ela ter sofrido uma ampla reforma em novembro de 1988. Os proprietários pediram que Camilo avisasse caso soubesse de comprador.

Nos passeios que o "Bateau Mouche IV" fazia a Paqueta, era comum, segundo Mariana, Camilo ligar para casa comunicando algum atraso pro-

# Operação de içamento começa às primeiras horas de hoje

## Bateau Mouche paga aluguel à Riotur

A Bateau Mouche Rio Turismo pagava até outubro de 1988 C24 96 mil de aluguel pela área de 5.562 metros quadrados que ocupa no Anacleto